

# A justiça que habita em Luce

*por Marluce Gonçalves dos Santos  
Mestranda pela UFRJ. E-mail: marlugsantoss@gmail.com*

Na cidade de Salvador, onde o sol acaricia as baías com sua luz dourada, havia uma mulher sábia, e de coração generoso chamada Adalgisa. Ela era uma baiana de alma vibrante, cuja vida se entrelaçava com as raízes profundas da tradição. Vivia em uma casa simples, mas cheia de força, com paredes que ecoavam histórias passadas por gerações e uma varanda onde o vento do mar sussurrava segredos ancestrais. Adalgisa tinha uma afilhada muito especial, chamada Luce.

Ela era uma mulher preta retinta, com o sorriso aberto e os cabelos grisalhos e trançados com destreza em forma de tiara, refletiam a força de uma mulher que carregava em si a ancestralidade dos povos africanos, as vozes dos quilombos, as batalhas da memória e os segredos de sua mãe Deodelina que lhe foi revelado. Sua vida era dedicada a vender cuscuz de tapioca, bolinho de estudante, abará e com carro chefe o acarajé servido nas ruas, um alimento sagrado que fazia parte do legado de sua gente. Cada bolinho frito, com seu sabor único e envolvente, era mais do que um prato — era uma herança de resistência e identidade, uma forma de conexão com os povos e com a terra.

Adalgisa preparava seus acarajés com maestria, enchendo-os de camarões, vatapá, caruru, salada e quando pediam quente a famosa pimenta. Enquanto seus dedos moldavam as bolinhas de feijão-fradinho, ela contava histórias para sua afilhada de 8 anos chamada Luce e para quem mais quisesse ouvir. Suas palavras eram cantadas como se a língua baiana fosse uma melodia ancestral que conectava o presente com o passado. Para ela, o acarajé era mais do que um alimento e uma forma de conseguir dinheiro para se manter: era um elo entre os corpos, a memória e a terra. Ela sabia que o que preparava não era apenas para alimentar fisicamente as pessoas, mas para nutrir a alma, manter viva a história de seus antepassados.

Luce acompanhava sua madrinha, com objetivo de ajudar e comer todas as iguarias que sobrasse de um dia cheio de trabalho, conexões, contos e lutas. Certo dia, enquanto vendia seus acarajés perto de um mercado cheio de turistas e moradores, Adalgisa foi abordada por policiais militares pedindo a demonstração da licença e informando que ela deveria procurar outro local para vender seus acarajés pois estava incomodando uma desembargadora branca que morava num flat numa famosa avenida próximo ao farol da barra do outro lado a rua.

Adalgisa ao ouvir aquela informação se indignou, deixando escorrer no canto dos olhos lágrimas em silêncio mais que ecoavam gritos parecidos como os da tia Hester, quando era açoitada num tronco, e isso tudo acontecendo ao olhar de muita tristeza de sua afilhada que pensava bem longe que ao crescer se tornaria uma desembargadora como aquela que impedira sua dinda de sobreviver mais que ao contrário lutaria pelos direitos do coletivo das baianas de Salvador.

Adalgisa sabia que esse sonho vinha do fundo da alma de Luce, mas também sabia que o caminho seria árduo. “Minha filha”, dizia Adalgisa, “os ventos da vida são fortes e nem sempre sopram para os nossos desejos. Mas se a tua raiz for firme e o teu coração, puro, nada vai te desviar do caminho”, e sua dinda continuou dizendo: – Você tem o brilho da justiça nos olhos, menina. Mas o que você precisa entender é que ser desembargadora não é só sobre leis escritas nos livros. É sobre ouvir os gritos daquelas que não têm voz, sobre proteger a saúde mental das nossas mulheres, que, muitas vezes, sofrem em silêncio. Nossa medicina é mais do que ervas, é mais do que remédios: é saber escutar, é saber curar a alma.

O sonho de Luce se realizou, e ela se tornou desembargadora. Mas não foi apenas isso. Ela transformou a justiça em um lugar onde a ancestralidade e a saúde mental das mulheres baianas eram respeitadas. Com sua coragem, sabedoria e a força de suas raízes, Luce não só mudou sua vida, mas também a vida de muitas outras baianas, como Adalgisa, que agora podiam se sentir ouvidas e protegidas.

E assim, na Bahia, na cidade onde o mar e o céu se encontram, tornaram-se parte de uma história de resistência e de celebração da ancestralidade, das culturas que nunca se perderiam, pois estavam vivas em seus corpos, nos sabores que ofereciam, nas resistências que evidenciavam só em chegar e nas histórias que contavam, compartilhando com todos os que queriam escutar a memória de um povo, de uma terra e de um tempo que nunca se esquece.



por Iváldo Glauber, 2024